**ENSINO DE HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL: EXPERIÊNCIAS DO PROGRAMA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

.

Andressa Rayane Maria Almeida da Mota,motaandressa08@gmail.com

Sara Estérfane Amorim Oliveira de Souza, saraesterfane@gmail.com

José Victor Ferreira Rocha dos Santos, josevictor.santos@upe.br

**RESUMO**

A proposta deste trabalho é apresentar o produto pedagógico desenvolvido pelos bolsistas do Programa da Residência Pedagógica de História da Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte. Primeiramente, ao acompanharmos os 9º anos da Escola Municipal Pio X, localizada em Carpina, percebemos nas discussões do âmbito escolar, como também no desenvolvimento da malha curricular, o apagamento e exclusão de fatos históricos e do protagonismo de negros e negras, devido a um saber opressor, racista, eurocêntrico e colonialista. Dessa forma, entendemos a urgência da criação de ferramentas auxiliares que pudessem combater a falta desses personagens nos debates historiográficos, nos livros didáticos e tantos outros materiais. Sendo assim, alinhado às demandas adaptativas desencadeadas pelo contexto caótico do Covid-19, elaboramos um manual para professores com objetivo de denunciar o negligenciamento dos indivíduos supracitados nos espaços de conhecimentos, introduzindo as discussões teóricas sobre as noções de decolonialidade, interculturalidade crítica e historicídio. Além disso, produzimos um site intitulado “Luta e Resistência: a ação de homens e mulheres negras na luta pelo fim da escravidão no Brasil”, com intuito de ser um espaço através do qual alunos e alunas, possam conhecer a trajetória de homens e mulheres negras constantemente excluídos da narrativa oficial da história e afins.

**Palavras chave:**

Ensino de História, Decolonialidade, Interculturalidade crítica, Historicídio.

**INTRODUÇÃO**

Os currículos escolares e o ensino de História por muito tempo privilegiaram os grandes feitos e personagens, centrando suas análises em homens brancos, cristãos e ocidentais, marginalizando assim outros personagens, sobretudo a população negra e indígena. Veruska Azevedo (2020) aponta que a ausência de estudos sobre essa população parte da noção de que esses sujeitos são destituídos do poder de fazer cultura ou do estatuto de corpos pensantes, como se estivessem sempre longe do local de fazedores de conhecimento (AZEVEDO, 2020, p. 145).

Partindo dessa premissa, Djamila Ribeiro afirma que um dos caminhos para desnaturalizar a ausência de pessoas negras nos espaços de poder é questionando, e mais do que isso, buscando ações que mudem essa realidade. Dessa forma, percebemos que além de leis e políticas públicas, acreditamos que a educação seja uma útil ferramenta para o enfrentamento desse racismo estrutural e sistêmico (RIBEIRO, 2019, p. 13).

 Os debates sobre a descolonização desses saberes eurocêntricos e a valorização do conhecimento e história de populações subalternizadas e esquecidas historicamente vem ganhando destaque na atualidade, principalmente no século XXI a partir da chamada descolonização do currículo. Acerca disso, compreendemos que analisar a ausência da população afro-brasileira e dos povos originários no século XXI é reafirmar a importância das vidas negras e indígenas na história do Brasil, nos currículos e espaços escolares (AZEVEDO, 2020, p. 146). Dessa maneira, nosso trabalho foi pensando para solucionar essas problemáticas e acompanhar essas mudanças nos currículos escolares.

 Ademais, estamos presenciando um período de grandes avanços tecnológicos, o cenário atual da pandemia do covid - 19, no qual afetou diversas áreas da sociedade, como também no ambiente educacional, abalando, assim, as estruturas tradicionais de ensino. Nesse aspecto, docentes buscam mecanismos efetivos para a aplicabilidade das atividades à distância para tentar diminuir os impactos causados pela pandemia. Assim, o uso das tecnologias tornou- se uma útil aliada no processo de ensino, postas como uma necessidade para enfrentar os problemas advindos da crise sanitária (FARIAS; MELO; JUNIOR, 2020, p. 40).

Alicerçado nisso, o atual trabalho é fruto de um produto pedagógico realizado por um grupo de residentes de História da Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte, com objetivo de contribuir para uma educação decolonial, plural e antirracista. Diante disso, a partir da urgência de buscar ferramentas tecnológicas que auxiliem o docente nas aulas de história, criamos um site que aborda personagens negros e negras que lutaram contra a escravidão em terras brasileiras, mas que muitas vezes não são evidenciados em sala de aula.

Posto isto, o site foi construído para que os discentes possam conhecer a história desses homens e mulheres que viveram durante o Período Colonial, e personagens que foram muito importantes na luta contra a escravidão no Brasil, mas que são esquecidos e apagados da história. Posto isso, temos como objetivo contribuir para os debates acerca de uma educação que visa dirimir as desigualdades sociais, de gênero, raça e classe, como também propor novas abordagens e caminhos para o ensino de História nesse contexto pandêmico.

**METODOLOGIA**

Com o objetivo de promover uma educação decolonial e, portanto, inclusiva e democrática, elaboramos um manual intitulado “Combatendo o *historicídio*: trajetória de negros e negras na luta e resistência contra a escravidão”. Tal material consiste numa reunião dos principais conceitos que norteiam as atuais discussões sobre o currículo de história através da perspectiva da decolonialidade, tais como as noções de interculturalidade crítica e historicídio, bem como traz em suas páginas alguns nomes de homens e mulheres negras que atuaram de diversas formas na luta contra a escravidão no Brasil. Direcionado à professores e professoras da educação básica, o manual é uma apresentação a questionamentos como: Por que a história da escravidão é contada apenas sob a perspectiva da dominação dos corpos negros? Como se deu o processo de luta e resistência desses homens e mulheres à escravidão? Por que os livros didáticos não contam a história desses sujeitos?

Assim, construímos um material cujo intuito é instigar os leitores a refletir sobre essas e outras questões à luz da decolonialidade e da interculturalidade crítica, conceitos fundamentais para nossa análise. Ademais, no manual consta o endereço de um site também produzido por nós. Essa página da web, que tem por título “Luta e resistência: a ação de homens e mulheres negras pelo fim da escravidão no Brasil”, tem o intuito de apresentar de maneira suscinta aspectos da vida de homens e mulheres negras atuantes durante o período colonial ou no movimento abolicionista característico do Segundo Reinado, tais como Tereza de Benguela, Dragão do Mar e Luiza Mahin.

Como forma de complementar o manual, o site é direcionado tanto para alunos e alunas quanto para o público em geral e pode ser utilizado nas aulas de história como um material de consulta através do qual é possível conhecer a história de sujeitos constantemente silenciados e apagados da narrativa oficial da história. Ressaltamos que o manual e a página da internet podem acessados através de computadores e celulares e apresentam uma interface de simples navegação.

**RESULTADO E DISCUSSÃO**

A perspectiva decolonial representa uma verdadeira aliada junto ao ensino de história. Ganhando espaço nas análises educacionais, essa abordagem permite não só o questionamento das diferenças e desigualdades naturalizadas, mas aponta a necessidade de transformação dessas estruturas e instituições historicamente estabelecidas de forma desigual e excludente. Conforme explica Quijano (2009), a matriz de poder dominante de cunho eurocêntrico, pois forjada na/pela Europa, está na base dessa desigualdade. A essa matriz de poder o autor dá o nome de colonialidade.

A formação e mundialização dessa colonialidade teria se dado a partir da colonização das Américas (QUIJANO, 2009). Desde então, nomeia e dá sentido as formas de saber e poder. É graças a essa colonialidade que se desenvolveu a noção de raça como uma categoria de inferiorização e subalternização dos sujeitos. Assim, deu-se a diferenciação dos indivíduos em inferiores e superiores, racionais e irracionais. Da mesma forma, produziu-se a noção de um conhecimento que seria legítimo, passível de estudo e consideração em detrimento daqueles outros considerados como marginais, locais e não científicos.

É essa perspectiva que permite a naturalização de certas exclusões nos livros didáticos e nas salas de aula. Por meio da desautorização de conhecimentos outros que não aqueles vindos do centro, isto é, do mundo europeu, o que é produzido e praticado por outros povos, como negros e indígenas, é desconsiderado, apagado da história oficial. É o que acontece com as trajetórias de luta e resistência de inúmeros homens e mulheres negras no contexto da história da escravidão.

Os livros e materiais didáticos tendem a abordar a escravidão no Brasil como um fenômeno quantitativo. Dá-se ênfase ao número de escravizados trazidos para o país, desconsiderando que esses números são pessoas, que viveram, resistiram e lutaram. Suas trajetórias não são contadas. É contra essa exclusão e marginalização naturalizadas que surgem os estudos decoloniais e a perspectiva da interculturalidade crítica.

De acordo com Candau (2020), a interculturalidade crítica baseia-se no questionamento das diferenças e desigualdades historicamente construídas, bem como no entendimento das diferenças como parte constitutiva das relações democráticas. A atitude decolonial, por sua vez, consiste na transformação das estruturas sociais por meio da descolonização das mentes (WALSH, 2005), ou seja, da desnaturalização de tudo aquilo que o colonialismo internalizou nos sujeitos. Em outros termos, deve-se combater o historicídio.

“Historicídio” um é conceito desenvolvido pelo professor Wallace de Moraes, constituído pela junção de duas expressões “história” e “homicídio”, ou seja, “o assassinato de histórias”, isto é, o apagamento, o silenciamento, da luta, e resistência de negros e negras, indígenas, questionadores, revolucionários nos debates historiográficos, livros didáticos etc. Isso representa a negação do protagonismo dos povos citados, permitindo a interpretação de um discurso permeado por uma natureza opressora e racista.

Isso se evidencia na própria construção curricular de recortes temáticos que priorizam enredos eurocêntricos, reforçando explicações preconceituosas ou adicionando questões mínimas no âmbito escolar, contribuindo para explanações excludentes. Tal maneira de perceber e abordar homens e mulheres negras nos livros e nas aulas de história encontra respaldo na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que por si direciona a organização das disciplinas em um padrão sistemático dos conteúdos por eixos, mencionando de forma simplista os povos africanos e indígenas. O resultado disso é reforço do ocidentalismo e a negação das lutas e resistências dos negros e negras, indígenas, grupos revolucionários, entre outros.

De acordo com Wallace de Moraes (2020), cometer “historicídio” é tratar, por exemplo, da conquista das Américas sob uma ótica europeia, na qual a história do Brasil só começa em 1500 com “descoberta”, a própria história da América só tem início em 1492, excluindo toda a narrativa histórica dos povos nativos que já existiam aqui. Ainda mais, é priorizado conteúdos de marcos europeus como Revolução Industrial, Revolução Francesa e diversos outros, sem se quer citar movimentos revolucionários como o do Haiti ou da Manchúria.

Assim, a experiência de produção do manual e do site possibilitou o questionamento acerca do modo como são produzidos os currículos, os livros didáticos, os planos de aula, entre outros.

**Considerações finais**

Os debates sobre a descolonização do conhecimento nos possibilitaram a compreensão da necessidade de repensarmos os currículos escolares, que ainda na atualidade são permeados por um projeto de colonização que engradece heróis nacionais brancos, racistas e misóginos, enquanto apaga e silencia a história de personagens negros e negras que tiveram grande participação em inúmeros processos históricos (AZEVEDO, 2020, p. 146). Diante disso, acreditamos em uma educação decolonial que busca criar cidadãos críticos e antirracista, permitindo que os discentes tenham acesso aos conhecimentos da população negra e sobre uma cultura que foi historicamente considerada criminosa, bem como comprometidos em lutar contra as desigualdades da nossa sociedade.

É com esses objetivos que desenvolvemos o site/ manual para professores e professoras, visando que esses debates ultrapassem os muros das academias e alcance toda a sociedade. Ademais, que os estudantes ao estudarem a história desses personagens a partir do contato com o material em voga, possam perceber a importância deles para a História, como também vejam que o anonimato deles não é por acaso, é fruto de um discurso racista, colonial e eurocêntrico. Com isso, buscamos inspirar os leitores, fazendo com que também se reconheçam como sujeitos ativos nos processos históricos.

**Referências**

ARAÚJO, G. G. de; INSFRAN, F. “Ensino remoto na educação infantil: relações autoritárias e falta de autonomia docente em questão” P. 121 – 131. In: \_\_\_\_. **Pandemia e suas interfaces no ensino**. Fernanda Insfran; Cristiana Callai; Francisca Marl Rodrigues de Andrade; Geórgia Regina Rodrigues Gomes; Jean Carlos Miranda (orgs). São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

CANDAU, V. M. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Revista Espaço Currículo,** João Pessoa, v. 13, n. Especial, p. 678-686, dez., 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

DE FREITAS, I. P. T. D.; PEREIRA, N. C. N. Ensino de História: o uso das tecnologias digitais no desenvolvimento da aprendizagem histórica. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1-16, 2021.

FARIAS, V.; MELO, V.; JÚNIOR, M. Ações pedagógicas em contexto de pandemia: Um estudo cooperativo com as perspectivas para o futuro. P. 39 – 52. In: \_\_\_\_. **Pandemia e suas interfaces no ensino**. Fernanda Insfran; Cristiana Callai; Francisca Marl Rodrigues de Andrade; Geórgia Regina Rodrigues Gomes; Jean Carlos Miranda (orgs). São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MORAES, W. S. **Historicídio e as Necrofilias Colonialistas Outrocidas - Uma crítica Decolonial Libertária.** Publicado em: 05/10/2020. Disponível em: <<https://otal.ifcs.ufrj.br/uma-critica-decolonial-libertaria-historicidio-e-as-necrofilias-colonialistas-outrocidas-ncos/> >. Acesso em 12 agosto. 2021.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder e classificação social.** IN: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almeida, 2009.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.